

vírus da hepatite B é transmitido através do contato com o sangue contaminado, principalmente por relações sexuais desprotegidas. O objetivo do presente trabalho é realizar um estudo do perfil epidemiológico e sociodemográfico dos portadores do vírus da Hepatite B, para nortear ações de saúde que contribuam para o planejamento de intervenções de controle, tratamento e prevenção da doença.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e quantitativo referente à prevalência de Hepatite B no Brasil, no período de Janeiro de 2018 a Maio de 2023. Os dados foram extraídos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponível na plataforma TabNet/DATASUS, considerando as variáveis sexo, cor/raça e faixa etária para os casos de Hepatite B no país.

Resultados: No período analisado ocorreram 6.445.378,12 casos, sendo mais prevalentes no ano de 2020. Quanto ao sexo, 64,5% homens sendo bastante superior à quantidade de mulheres acometidas, o que demonstra a vulnerabilidade do sexo masculino aos fatores de risco. Em relação à raça, cerca de 56% dos indivíduos acometidos pelo vírus da hepatite B são pardos, e aproximadamente 15% não foram identificados em nenhuma raça, observando-se o sub registro presente nesse quesito. Ademais, aproximadamente 65% dos relatos ocorrem entre 40 a 69 anos, sendo mais comum ainda entre os 60 a 69 anos, com cerca de 24% dos casos.

Conclusão: Diante do exposto, o grande número de portadores de hepatite B, principalmente na população masculina e idosa, nos últimos anos no Brasil, aponta para a necessidade de ações efetivas de saúde pública que envolvam todos os níveis de atenção básica por meio não apenas de medidas preventivas, mas, sobretudo, educativas, que visem a propagação de informação à população acerca da doença, a fim de minimizar o número de casos de transmissão sexual e aumentar a proteção individual e coletiva.

Palavras-chave: Hepatite B Perfil epidemiológico Saúde pública

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103067>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA INCIDÊNCIA DA HEPATITE A NA BAHIA, NO PERÍODO DE 2010-2020

Erionayde Marinho Lucena*, Ildete Silva Viana Neta, Ingrid Bezerra Silva, Jadde Tavares Guimarães

União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), Lauro de Freitas, BA, Brasil

Introdução: A hepatite A, conhecida como “Hepatite Infecciosa”, é uma infecção aguda causada pelo vírus A (HAV). O HAV tem como sua principal via o contágio fecal-oral, através do contato inter-humano ou por meio de água e alimentos contaminados. As melhorias no saneamento básico e o desenvolvimento de vacinas altamente eficazes reduziram a ocorrência dessa infecção ao longo dos últimos anos. À exemplo, a partir do Programa de Imunização Universal contra o HAV para faixa etária de 1 a 2 anos incompletos, em 2014. Entretanto, o vírus persiste em populações suscetíveis: aqueles não vacinados ou infectados anteriormente, logo, seus altos índices de incidência demonstram falhas na saúde

pública. Este artigo analisa o perfil epidemiológico da Bahia no período de 2010-2020, com o objetivo de identificar a incidência do vírus ao longo dos anos e o impacto da vacina na diminuição de novos casos.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e descritivo produzido por meio da análise de dados referentes à hepatite A, na Bahia, entre os anos de 2010 e 2020, disponíveis na plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, DATASUS. Foram utilizados critérios de macrorregiões de saúde para esta pesquisa.

Resultados: De acordo com a análise dos casos confirmados notificados por macrorregião de saúde da residência, o HAV acometeu 1.817 indivíduos no período de 2010 a 2020. A região Norte da Bahia (Núcleo Regional de Saúde – Juazeiro) denotou maior prevalência de eventos, correspondendo a 569 infectados (31,315%), seguida pela região Centro-Norte (Núcleo Regional de Saúde – Jacobina) com 264 casos (12,529%). A partir de 2010 observou-se uma evolução não linear de infecção pelo vírus A, porém em 2014 foi verificada uma diminuição não linear em comparação aos 4 anos antecedentes. Dessa maneira, em 2020, 5 regiões zeraram o número de casos, exceto a região Nordeste com apenas 1 caso, a região Sul com 2 casos e as Regiões Norte e Centro-Norte com 3 casos isoladamente.

Conclusão: Esse estudo revelou que, desde 2010 a 2020, regiões baianas foram afetadas de forma considerável pelo vírus da hepatite A. Contudo, observa-se que em 2014 o início do Programa de Imunização Universal contra o vírus A coincidiu com a redução do vírus entre a população da Bahia em contraste aos anos antecedentes à aplicação (2010-2014). Assim, no intervalo de 2014 a 2020 a eliminação do HAV alcançou 5 das 9 regiões do estado.

Palavras-chave: Hepatite A Bahia Análise epidemiológica Incidência Imunização

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103068>

AVALIAÇÃO DA ASSISTÊNCIA E DA RESPOSTA TERAPÊUTICA EM PACIENTES COM HEPATITE C NO MUNICÍPIO DE DIVINÓPOLIS, MG

Gustavo Machado Rocha*, Cláudia Maria de Souza Gonçalves, Sarah Borges Vaz, Melina Fereira Portes Barbosa, Vinicius Vieira Quintão, Karynne Stephanie de Avila Oliveira, Anna Luisa Lupi Ventura de Assis

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG, Brasil

Introdução/Objetivo: A hepatite C é uma doença de prevalência global e é considerada a principal causa de óbitos por hepatites virais no Brasil. Apesar da alta eficácia do tratamento antiviral, grande proporção dos indivíduos infectados desconhece o diagnóstico ou não tem acesso à terapia. Dessa forma, o presente trabalho objetivou avaliar o acesso ao serviço especializado, a qualidade de assistência e a resposta terapêutica de pacientes com hepatite C crônica, no município de Divinópolis, MG.

Métodos: Trata-se de estudo transversal realizado por meio de avaliação dos registros de prontuários de pacientes com diagnóstico de Hepatite C e com idade igual ou superior a 18 anos, atendidos no Serviço de Assistência Especializada (SAE) de Divinópolis, MG. Foram excluídos os pacientes com história de tratamento antiviral previamente ao início do acompanhamento no SAE, assim como os pacientes co-infectados pelo HIV. A coleta de campo ocorreu de maio de 2022 a maio de 2023. Foram avaliadas informações clínicas, comportamentais, relacionadas ao acompanhamento e ao tratamento. Foi realizada análise descritiva das variáveis selecionadas, com distribuição de proporções e medidas de tendência central.

Resultados: Dentre 284 pacientes incluídos (71,8% do sexo masculino), 48,9% tinham história de uso de drogas ilícitas e 35,5% informaram consumo ativo de bebida alcoólica no momento da primeira consulta. Quase um terço (30,6%) tinham evidências de cirrose hepática. Os resultados mostram que 236 (83,1%) apresentaram carga viral detectada, 159 (56,0%) tiveram prescrição do esquema terapêutico, 115 (40,5%) iniciaram o tratamento, 97 (34,2%) o completaram, e 30,3% (86) obtiveram cura da infecção. Quase metade da amostra (48,2%) abandonou o acompanhamento. O tempo médio de acompanhamento no serviço foi de 23 meses, sendo 13 meses o tempo médio entre o diagnóstico e a primeira consulta, e 16 meses o tempo médio entre o primeiro exame confirmatório e o início do tratamento.

Conclusão: Apesar das estratégias globais para o combate à Hepatite C, permanecem evidentes os entraves relacionados ao acesso ao serviço, à retenção e ao acompanhamento do tratamento. É necessário intensificar a busca por melhorias nos serviços de saúde, incluindo a ampliação da oferta de profissionais e a adoção de estratégias para otimizar a adesão ao serviço e ao tratamento, buscando melhorar os indicadores da cascata do cuidado desde o diagnóstico até a cura da Hepatite C.

Palavras-chave: Hepatite C Crônica Antivirais Acesso aos Serviços de Saúde Resposta Viral Sustentada Avaliação de Serviços de Saúde

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103069>

CARGA DE INFECÇÃO POR HEPATITE C NO BRASIL APÓS PANDEMIA DE COVID-19 - UMA ABORDAGEM DE MODELO MATEMÁTICO

Mário Peribañez Gonzalez^{a,*}, Loraine Melissa Dal-Ri^a, Homie Razavi^b, Ivane Gramkrelidze^b, Sarah Blach^b, Carlos Alberto de Albuquerque Almeida Junior^a, Karen Cristine Tonini^a, Ana Paula Maciel Gurski^a, Aline Almeida da Silva^a, Ana Cristina Garcia Ferreira^a, Paulo Roberto Abrão Ferreira^a, Draurio Barreira^a

^a Departamento de HIV/AIDS, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DATHI/SVSA), Ministério da Saúde, Brasil;

^b Center for Disease Analysis Foundation, Lafayette, Estados Unidos

Introdução/Objetivo: Em 2016, o Brasil se comprometeu a eliminar as hepatites virais como problema de saúde

pública até 2030 ao aderir à Estratégia Global do Setor de Saúde. Para estabelecer metas nacionais, o Ministério da Saúde, em parceria com a Fundação Center for Disease Analysis (CDAF), utilizou um modelo matemático com dados até 2016 para estimar a prevalência da hepatite C. O estudo apontou que 0,53% da população geral apresentava anti-HCV e que havia 632.000 pessoas com HCV-RNA+ (0,31% da população). Em 2022, os dados dessa estimativa foram atualizados para avaliar o impacto da pandemia da covid-19 no progresso do Brasil em direção à eliminação da hepatite C.

Métodos: Utilizou-se a ferramenta¹ The Hepatitis C Health Policy Tool, desenvolvida e disponibilizada pela CDAF. Trata-se de um modelo de Markov de progressão da doença, construído no Microsoft Excel[®] para quantificar o tamanho da população com vírus da hepatite C. Ele foi preenchido e calibrado usando dados epidemiológicos específicos do Brasil para prever a carga da doença em diferentes cenários. Foram inseridos dados de pessoas tratadas até o ano de 2022.

Resultados: Houve uma redução de 41% na média de pessoas tratadas no triênio 2020-2022, em comparação ao triênio anterior. A prevalência estimada em 2023 foi de 510,4 mil pessoas HCV-RNA+, correspondendo a 0,24% da população. Também foi possível estimar a incidência média de 3,1 novas infecções por 100 mil habitantes e mortalidade de média de 1,3 óbitos por 100 mil habitantes entre 2016 e 2022.

Conclusão: Segundo a prevalência atualizada, o Brasil já atingiu as metas de incidência e mortalidade propostos pela Organização Mundial da Saúde (até 5 novas infecções por 100 mil habitantes e até 2 óbitos por 100 mil habitantes respectivamente). No entanto, caso a redução do número de pessoas tratadas observada no período pandêmico se mantenha, em 2030, o Brasil atingiria apenas 60,8% da meta para eliminação. Portanto, para garantir que o país continue progredindo na eliminação da hepatite C, é essencial aumentar o número de diagnósticos de novas infecções e, conseqüentemente, intensificar o tratamento para um maior número de pessoas.

Palavras-chave: Hepatite C Prevalência Modelagem Eliminação

Referência

1. Blach S, Zeuzem S, Manns M, Altraif I, Duberg A-S, Muljono DH, et al. Global prevalence and genotype distribution of hepatitis C virus infection in 2015: a modelling study. *Lancet Gastroenterol Hepatol*. 2017;2:161-76.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103070>

CASOS CONFIRMADOS DE HEPATITES VIRAIS NAS MACRORREGIÕES DO BRASIL ENTRE 2017 A 2020

Mariana Ribeiro Machado*, Pedro Marques Siqueira, Eduarda Marques Siqueira

Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, SP, Brasil